



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**JEFTER LUAN LOUZADA DA CRUZ NEVES**

**ELEMENTOS FOLCLÓRICOS E SIMBOLOGIA BÍBLICA: UM ESTUDO  
COMPARATIVO ENTRE OS “CONTOS FOLCLÓRICOS DO BRASIL”, DE  
MARCO HAURÉLIO, E TEXTOS DAS ESCRITURAS**

CAETITÉ – BA  
2025

JEFTER LUAN LOUZADA DA CRUZ NEVES

**ELEMENTOS FOLCLÓRICOS E SIMBOLOGIA BÍBLICA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS CONTOS FOLCLÓRICOS DO BRASIL, DE MARCO HAURÉLIO, E TEXTOS DAS ESCRITURAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador(a): Prof. Me. Rogério Soares De Brito

**JEFTER LUAN LOUZADA DA CRUZ NEVES**

**ELEMENTOS FOLCLÓRICOS E SIMBOLOGIA BÍBLICA: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS CONTOS FOLCLÓRICOS DO BRASIL, DE MARCO HAURÉLIO, E TEXTOS DAS ESCRITURAS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de Licenciado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia com nota \_\_10,0\_\_.

Caetité, 17 de dezembro de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

*Rogério Soares Brito*

---

**Prof. Me. Rogério Soares de Brito**  
Departamento de Ciências Humanas - Campus VI – UNEB

*Rozânia Alves Magalhães Silva*

---

**Prof.(a) Ma. Rozânia Alves Magalhães Silva**  
Departamento de Ciências Humanas- Campus VI- UNEB

*Valquíria Dias de Almeida*

---

**Prof. (a) Ma. Valquíria Dias de Almeida**  
Departamento de Ciências Humanas- Campus VI- UNEB

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força, pela proteção constante e pela sabedoria concedida ao longo de toda esta trajetória acadêmica. Sem Sua providência, a realização deste trabalho não seria possível.

À minha mãe, Sara, expresso minha mais profunda gratidão. Sua dedicação, apoio incondicional e exemplo de perseverança foram determinantes para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Sua confiança em mim foi, muitas vezes, a motivação necessária para seguir adiante.

À minha avó Heloísa e ao meu avô Nicolau, agradeço pelo amor, aconselhamentos e pelo apoio contínuo. A presença de ambos em minha vida constitui uma base sólida de valores que orientou muitas das minhas escolhas.

À minha irmã Maria Fernanda, registro meu reconhecimento por sua parceria, compreensão e estímulo constante, que contribuíram de forma significativa para que eu pudesse superar os desafios desta caminhada.

Às minhas tias maternas e paternas, primos e primas, agradeço pela atenção, pelo incentivo e pelo suporte prestado ao longo dos anos, os quais tiveram papel relevante na minha formação pessoal.

Aos meus colegas e amigos, manifesto minha sincera gratidão pela convivência, pelo companheirismo e pelo compartilhamento de conhecimentos e experiências que enriqueceram esta jornada acadêmica.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho, deixo registrado meu apreço e reconhecimento. Cada gesto de apoio foi essencial para que esta etapa fosse concluída com êxito.

## RESUMO

Este trabalho busca analisar a presença de motivos dos contos populares em narrativas bíblicas, com o objetivo de identificar elementos recorrentes e refletir sobre suas interseções e transformações ao longo do tempo. Além disso, investiga a relação entre os motivos presentes nos contos do livro *Contos Folclóricos do Brasil*, de Marco Haurélio (2005), e as narrativas bíblicas, destacando como essas tradições dialogam, se complementam e revelam processos de adaptação cultural e simbólica ao longo da história. Utilizando a definição de "motivo" de Stith Thompson (1957), a pesquisa investiga como tais elementos – sejam situações, personagens ou eventos – aparecem tanto na literatura popular quanto nas histórias bíblicas. O estudo adota uma abordagem comparativa, baseando-se nas obras de teóricos como Dan Ben-Amós (1994), Peter Burke (1999), Walter Benjamin (1995) e Luís Da Câmara Cascudo (1947), para entender as formas como esses elementos estruturais se repetem e se adaptam em diferentes contextos culturais e temporais, especialmente na transposição das narrativas bíblicas para o Brasil. A metodologia adotada será a bibliográfica, com base na análise crítica das obras relevantes, seguindo os preceitos de Eva Maria Lakatos (2003), para compreender como as narrativas populares e bíblicas se transformam ao longo do tempo, que as narrativas populares e bíblicas não apenas preservam memórias culturais, mas também funcionam como instrumentos de questionamento e adaptação, refletindo sobre os valores e tensões da sociedade em que se inserem, enquanto conservam uma continuidade histórica e moral.

**Palavras-chave:** Motivo; Narrativas populares; Marco Haurélio; Contos populares; Narrativas bíblicas.

## ABSTRACT

This study analyzes the presence of folktale motifs in biblical narratives, aiming to identify recurring elements and examine their intersections and transformations over time. It also investigates the relationship between the motifs found in *Contos Folclóricos do Brasil*, by Marco Haurélio (2005), and biblical stories, highlighting how these traditions interact, complement each other, and reveal processes of cultural and symbolic adaptation throughout history. Drawing on Stith Thompson's (1957) definition of "motif," the research explores how such elements—whether situations, characters, or events—emerge both in popular literature and in biblical accounts. The study adopts a comparative approach, informed by theorists such as Dan Ben-Amos (1994), Peter Burke (1999), Walter Benjamin (1995), and Luís da Câmara Cascudo (1947), to understand how structural elements are repeated and reshaped across different cultural and temporal contexts, particularly in the transposition of biblical narratives to Brazil. The methodology is bibliographical, grounded in the critical analysis of relevant works and following the guidelines of Eva Maria Lakatos (2003). Overall, the research demonstrates that popular and biblical narratives not only preserve cultural memory but also function as tools of questioning and adaptation, reflecting the values and tensions of the societies in which they circulate while maintaining historical and moral continuity.

**Keywords:** Motif; Popular narratives; Marco Haurélio; Folktales; Biblical narratives.

## 1 INTRODUÇÃO

Tratar de questões que perpassam a religiosidade suscitam em minha historicidade aspectos de uma memória pessoal, acadêmica e de vivências do cotidiano, visto que, culturalmente, nossa identidade tem sido forjada no real, eminentemente, simbólico. Nos últimos anos, como estudante do Curso de Letras, tivemos a oportunidade de desnudar um mundo até então muito solidificado no seio familiar, como questões ligadas ao caráter religioso. Um dos aspectos fundamentais que nortearam este olhar crítico se assenta marcadamente na literatura denominada de popular.

Hoje, para mim, tornam-se cada vez mais nítidas as relações resguardadas entre os enunciados, aspectos e simbologias bíblicas e narrativas literárias populares. Dessa forma, este trabalho nasceu a partir dessa vontade de conhecer, num universo de maior aprofundamento e criticidade, o objeto de estudo supracitado ou, mais especificamente, as relações simbólicas entre literatura e narrativas conhecidas como judaicas.

Assim, entende-se que existe uma grande relevância literária, simbólica e cultural no estudo das interseções entre os contos populares e as narrativas bíblicas, compreendendo-as como manifestações que, embora provenientes de contextos distintos, compartilham estruturas simbólicas, motivos recorrentes e funções sociais equivalentes.

Dessa forma, a questão central que orienta esta pesquisa é: de que maneira a intersecção entre o texto sagrado e a narrativa popular possibilita a construção de uma memória, compreendida como um espaço simbólico em que o sagrado é reinterpretado à luz das experiências cotidianas, ressignificando valores e reelaborando tradições? Parte-se da hipótese de que a reelaboração de motivos bíblicos no folclore brasileiro representa um movimento de negociação entre o universal e o local, entre o divino e o humano, configurando-se como uma forma de resistência cultural e reconstrução identitária.

Portanto, este trabalho analisa alguns “motivos” dos contos populares presentes em algumas narrativas bíblicas, como a história de José do Egito (Gênesis 45:4-7; Gênesis 39:6; Gênesis 41:41-43; Gênesis 37-50), O Êxodo (Números 33:3), A História de Ester (Ester 2:17), bem como o Rei Davi e sua exaltação como rei em Israel (1 Samuel 13:13-14), baseando-se nos relatos disponíveis na Bíblia King James Version<sup>1</sup> (1988).

---

<sup>1</sup>A escolha da Bíblia King James Version (KJV) se justifica por se uma das traduções mais influentes no mundo ocidental, cujo estilo literário consolidou expressões, fórmulas narrativas e estruturas textuais que dialogam diretamente com estudos de motivos e tradições orais. A KJV preserva construções linguísticas mais próximas do inglês bíblico clássico, o que facilita a identificação de padrões narrativos, repetições formulares e elementos estilísticos recorrentes, que são aspectos essenciais para a análise comparativa com contos populares. Além disso,

Stith Thompson definiu o “motivo” como: “a unidade narrativa mínima e repetível presente em narrativas populares, mitos e lendas” (Thompson, 1957, p. 12). O motivo do conto é, segundo a concepção de Thompson (1957) o elemento que confere identidade e consistência as histórias presentes nos contos populares e pode ser uma situação (ex.: “a madrasta má”), um personagem (ex.: “o herói órfão”), um evento (ex.: A transformação mágica”), ou mesmo uma fórmula ou frase recorrente (ex.: “era uma vez”). Os motivos ainda, segundo afirma Braulio do Nascimento no *Catálogo do Conto Popular Brasileiro*, constituem ainda “elemento indicador de elaboração nacional” (2005, p. 29)

A definição do que seja motivo extraída do livro *Motif-Index of Folk-Literature* (1994) é central para esse trabalho. Esta obra será nosso guia na identificação de alguns motivos dos contos populares em comparação com algumas histórias bíblicas para cotejo e análise. Para fins de comparação foram usados os contos reunidos pelo folclorista Marco Haurélio no livro *Contos Folclóricos Brasileiros* (2005) e destacaremos nele alguns motivos recorrentes. De posse desses motivos foram analisadas algumas histórias bíblicas para identificar a ocorrência ou não desses motivos nessas histórias.

A análise das motivações permite uma reflexão crítica sobre os impactos dessas narrativas na construção de valores, identidades e no entendimento moral das sociedades contemporâneas. Ao mesmo tempo em que se busca compreender a resistência e adaptação de elementos culturais que, embora oriundos de um contexto religioso específico, adquiriram uma universalidade que atravessa fronteiras temporais e geográficas e se ressignificam ao serem adaptadas às novas realidades socioculturais. Portanto, este trabalho busca analisar as formas como os motivos presentes nas narrativas populares, ocorrem também em narrativas bíblicas.

A reflexão sobre como narrativas antigas continuam atuando na construção de valores e na compreensão de trajetórias históricas faz deste trabalho um exercício que evidencia a necessidade de reconhecer o lugar em que se vive, fortalecer identidades e dialogar com o cenário sociocultural que nos cerca. Esses elementos atravessam a experiência de muitos moradores da região e ajudam a explicar o interesse por estudos que relacionam memória, tradição e leitura crítica. Soma-se a isso a minha motivação, cuja origem familiar sempre

---

sua estabilidade textual e reconhecimento acadêmico tornam-na uma referência adequada para estudos que exigem coerência e precisão filológica.

cultivou profundo apreço pela cultura bíblica e por suas ressonâncias no imaginário do Nordeste, o que torna esta investigação também um gesto de continuidade e pertencimento.

Portanto, essa transposição dos temas bíblicos para o contexto brasileiro se dá não apenas por meio da adoção de motivos, mas também pela transformação deles, que assumem novas formas e significados ao serem reinterpretados à luz das questões sociais e políticas locais.

Desse modo, o trabalho de investigação se apoia nas ideias do folclorista Dan Ben-Amós (1994), que oferece em alguns de seus estudos um olhar sobre como a literatura religiosa transcende o simples relato e se configura como um campo de reflexão ética e moral. No livro *The Folklore of the Jews* (1994), Ben-Amós explica que as narrativas religiosas, especialmente aquelas originadas na tradição judaica, desempenham uma função essencial na preservação e transmissão de valores espirituais e culturais.

A reflexão acerca da permanência e a influência de narrativas antigas na formação de valores e na compreensão dos processos históricos torna este trabalho um instrumento que evidencia a importância da adaptação ao contexto local, da autoafirmação identitária e do envolvimento com o ambiente sociocultural. Esses aspectos dialogam com sentimentos amplamente compartilhados pelos residentes da região Nordeste. Além dessas motivações coletivas, soma-se a minha motivação, cuja trajetória familiar é marcada pela admiração profunda pela riqueza cultural e literária da tradição bíblica e por suas múltiplas intersecções com o imaginário e as práticas culturais do Nordeste.

Ben-Amós (1994) observa ainda que, ao ser recontada em diferentes contextos culturais, a literatura popular não perde sua essência moral e ética, mas se adapta, adquirindo novos significados que dialogam com a realidade local, como acontece nas adaptações das histórias bíblicas no Brasil. Tais adaptações, ao serem inseridas no contexto brasileiro, tornam-se um espaço de reflexão sobre a condição humana, discutindo as tensões entre o divino e o secular, e as complexas questões de pertencimento e identidade. Assim, o autor defende que as narrativas populares “não apenas representam uma preservação da memória cultural, mas também uma reinterpretação da história sob novos olhares” (Ben-Amós, 1994, p. 233).

O estudo dos motivos folclóricos presentes tanto na tradição oral brasileira quanto nas narrativas bíblicas revela a permanência de estruturas literárias universais que atravessam diferentes culturas, tempos e contextos socioculturais. Os contos populares, transmitidos ao longo de gerações, constituem um repositório simbólico no qual se expressam valores, medos, expectativas e visões de mundo de uma comunidade. De modo semelhante, muitas narrativas

bíblicas apresentam padrões narrativos e motivos que dialogam com estruturas folclóricas amplamente difundidas, permitindo uma leitura comparativa capaz de evidenciar aproximações, ressignificações e permanências culturais.

Para desenvolver essa investigação, o presente trabalho adota como metodologia a pesquisa bibliográfica, tal como fundamentada nas reflexões de Eva Maria Lakatos em *Fundamentos de Metodologia Científica* (2003). A autora destaca que esse tipo de metodologia tem como objetivo principal a análise crítica das obras essenciais para a construção de um corpo teórico consistente, ultrapassando o simples levantamento de dados e exigindo interpretação, reflexão e contextualização. Assim, compreender a estrutura dos motivos e sua função nas narrativas estudadas requer não apenas a coleta de fontes, mas também um exame sistemático das contribuições teóricas relevantes e das relações entre elas.

A metodologia proposta por Lakatos desenvolveu-se em duas etapas centrais que orientaram a presente pesquisa. A primeira consistiu no levantamento, com uma seleção criteriosa e leitura das principais obras relacionadas ao tema, atentando para sua relevância acadêmica e profundidade analítica. Nesse sentido, foram considerados estudos fundamentais sobre motivos folclóricos, especialmente o *Motif-Index of Folk-Literature*, de Stith Thompson (1957, p.12), que define o motivo como a “unidade narrativa mínima e repetível presente em narrativas populares, mitos e lendas”. Do mesmo modo, foram selecionadas narrativas bíblicas como as histórias de José do Egito, do Êxodo, de Ester e da ascensão do rei Davi, cuja estrutura textual preserva motivos tradicionais e elementos literários comparáveis à tradição oral universal.

A segunda etapa metodológica consistiu na análise crítica e interpretativa das obras selecionadas, conforme indica Lakatos (2003), buscando identificar contribuições, limitações e possíveis lacunas nas abordagens teóricas existentes. A crítica desenvolvida é construtiva e voltada à compreensão de como diferentes autores apresentam, discutem e interpretam os motivos narrativos, bem como de que forma tais elementos se articulam ou se contrapõem entre si. Essa reflexão permitiu verificar como as estruturas folclóricas e bíblicas se relacionam, se adaptam e adquirem novos sentidos no decorrer da transmissão cultural.

A coleta e o tratamento dos dados ocorreu por meio da análise textual das narrativas bíblicas em confronto com os contos populares, observando não apenas a presença dos motivos, mas também suas funções dentro do tecido narrativo. A abordagem de análise de conteúdo auxiliou na identificação de padrões, recorrências e transformações, favorecendo uma compreensão mais profunda dos mecanismos de construção narrativa e do papel simbólico dos motivos na transmissão de valores espirituais, morais e culturais.

## 2 LITERATURA COMO TÉCNICA E POSIÇÃO POLÍTICA

Dan Ben-Amós, em *The Folklore of the Jews* (1994), explora a importância da memória coletiva e da oralidade na preservação de contos populares, com foco na transformação cultural ao longo do tempo. Ben-Amós observa que, para além de simples histórias, os contos judaicos desempenham um papel essencial na manutenção da identidade coletiva e na transmissão de valores espirituais e morais. Ele afirma:

Quatro qualidades inter-relacionadas distinguem a literatura popular judaica: (a) profundidade histórica, (b) interdependência contínua entre oralidade e alfabetização, (c) dispersão nacional e (d) diversidade linguística. Apesar desses fatores divergentes, o folclore da maioria das comunidades judaicas claramente compartilha uma série de características (Ben-Amós, 1994, p.140).

O autor argumenta que os contos populares funcionam como instrumentos de resistência cultural, adaptando-se constantemente aos novos contextos sem perder suas raízes originais, afirma-se que os contos, ao se transformarem, carregam em si a memória histórica e as necessidades de um povo, funcionando como mediadores de seu presente e passado. Destaca-se que “embora a alfabetização, sem dúvida, tenha figurado na preservação da herança cultural judaica em grande medida, em cada período ela foi complementada pela oralidade” (Amós, 1994, p. 45). Essa fluidez narrativa, mencionada por Bem-Amós, é fundamental para entender como elementos dos contos bíblicos e populares podem ser reinterpretados, com significados que se ampliam conforme o contexto cultural ao qual são inseridos.

A teoria de Peter Burke, em *Cultura Popular na Idade Moderna* oferece uma abordagem valiosa sobre como as narrativas se transformam em definições culturais e podem ser mais do que um reflexo de valores espirituais, mas parte influente em uma determinada cultura.

Cultura” é uma palavra imprecisa, com muitas definições concorrentes; a minha definição é a de “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados”. A cultura nessa acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ele. Quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das “classes subalternas”, como chamou-as Gramsci (Burke, 1999, p. 4).

Ao analisar essas narrativas religiosas, observa-se que têm uma dimensão crítica que vão além da preservação de dogmas, elas mostram também como um espaço de

questionamento sobre as condições sociais e existenciais, em contextos contemporâneos, mostram que as histórias bíblicas são flexíveis e servem não apenas como expressão de uma fé, mas também como uma crítica às questões morais e éticas da sociedade em que estão inseridas. Logo, a transposição desses contos para novos cenários sociais e culturais permite que essas histórias se tornem instrumentos de reflexão e de transformação das realidades contemporâneas, questionando as normas e valores vigentes.

Walter Benjamin, em *Obras Escolhidas* (1994) aprofunda a análise da literatura como um campo de resistência e reconfiguração histórica. Ele argumenta que a literatura não deve ser vista apenas como um reflexo dos acontecimentos passados, mas como uma ferramenta ativa na construção de novas narrativas. Benjamin define a crise da narrativa como a perda da capacidade de transmitir a experiência coletiva (*Erfahrung*) em um mundo capitalista fragmentado, exigindo que a literatura assuma um papel reflexivo sobre essa perda.

A obra "demonstra o enfraquecimento da “*Erfahrung*” no mundo capitalista moderno em detrimento de um outro conceito, a “*Erlebnis*”, experiência vivida, característica do indivíduo solitário" (Benjamin, 1994, p. 201). Em suas palavras, mostra que a literatura oferece um espaço para que as narrativas subvertam os discursos dominantes, proporcionando uma memória alternativa, uma história que é recontada a partir das margens.

Benjamin também observa que “o historicismo culmina legitimamente na história universal [...] reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido" (Benjamin, 1994, p. 231). Levantando um questionamento a respeito de narrativas que se repetem em detrimento de um sistema opressor que revela novos meios de preservação da identidade cultural.

A literatura, segundo Benjamin, é um campo de transformação histórica, capaz de subverter as verdades hegemônicas e oferecer novas formas de interpretar o passado. Aplicando essa visão às narrativas bíblicas, pode-se entender como os contos populares derivados dessas histórias funcionam não apenas como formas de preservação religiosa, mas também como críticas veladas às estruturas de poder e aos conflitos sociais existentes em diversas culturas. Benjamin argumenta que a resistência da literatura não é apenas temática, mas reside em sua posição dentro das relações de produção cultural. Para este autor "o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história" (Benjamin, 1985, p. 14).

Luís Da Câmara Cascudo, em *Geografia dos Mitos e Lendas Brasileiras* (1967), traz uma importante reflexão sobre o papel dos contos populares na formação das identidades culturais, ele destaca que os contos não são apenas formas de entretenimento, mas refletem tensões sociais, espirituais e culturais, representando um modo de entender o mundo. Ele demonstra que o conto popular não é só ficção, mas uma forma de enfrentar e compreender as lutas culturais e espirituais de um povo. Ele afirma: “Parece-me que a melhor e mais alta valia desse livro é a perfeita ausência de ‘explicação’ quando recolhi o fabulário. Nenhuma onça maneta nem cavalo de três pés troteia nos riscos preestabelecidos de uma ‘picada’ doutrinária.” (Cascudo, 1947, p.07). Nesta citação ele mostra que a valorização é a forma pura da crença original dos contos, rejeitando a tentativa de reduzi-los a "explicações" racionais ou "doutrinárias".

Nesse sentido, os contos de origem bíblica, ao serem reconfigurados na literatura popular, mantêm suas funções tradicionais de ensinar valores, mas também se adaptam às realidades dos povos que os recontam. Cascudo (1947) também destaca a importância da memória coletiva, em que a junção de tradição e inovação possibilita uma leitura crítica da realidade, refletindo as influências culturais externas e internas. A adaptação dos contos bíblicos aos contextos populares revela uma negociação entre o local e o universal, permitindo que temas bíblicos universais sejam integrados a um novo tecido cultural.

Portanto, ao estudar os motivos dos contos populares presentes nas narrativas bíblicas, é crucial reconhecer que esses contos não se limitam a um exercício de preservação da tradição religiosa. Eles se transformam ao longo do tempo, adaptando-se aos novos contextos sociais e culturais e funcionando como mediadores entre o passado e o presente. A literatura, nesse sentido, torna-se um campo dinâmico de reflexão, em que as narrativas populares não apenas preservam valores e tradições, mas também atuam como uma forma de questionamento crítico sobre as condições sociais e existenciais contemporâneas. A adaptação e a transformação desses contos bíblicos, longe de perderem sua essência, se tornam uma forma de resistência e de reconfiguração cultural, revelando como as narrativas populares continuam a dialogar com os desafios do presente, mantendo sua relevância e seu impacto.

### **3 O HERÓI INJUSTIÇADO E A ASCENSÃO MORAL**

Para compreensão do que seja os “motivos” dos contos populares, contaremos com as contribuições de alguns folcloristas, entre eles Stith Thompson. Em seu texto clássico *Motif-*

*Index of Folk-Literature* (1957), Thompson define o conceito de motivo narrativo: “a unidade narrativa mínima e repetível presente em narrativas populares, mitos e lendas” (Thompson, 1957, p. 22). Tal motivo manifesta-se no percurso de protagonistas injustiçados e depois reafirmados por sua astúcia ou virtude – conformando os arcos de personagens como o macaco do conto e José.

Walter Benjamin (1994), em seu clássico ensaio *O Narrador*, oferece uma lente interpretativa poderosa para compreender a relevância dessas tramas. Autor diz que “a experiência que passa de boca em boca é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (Benjamin, 1994, p. 198).

Essa citação sugere que a força dessas histórias reside na transmissão viva da experiência coletiva, uma sabedoria estética que transcende a mera informação e atua na preservação de narrativas. Ademais “é a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção... estamos privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.” (Benjamin, 1994, p. 197)

Tais observações acadêmicas sustentam o valor epistemológico dos contos populares: eles não visam transmitir verdades universais abstratas, mas revelam sabedoria prática emergente da adversidade – exatamente o impulso narrativo que move José e o macaco. José sobrevive à traição dos irmãos e ascende ao poder no Egito através do seu discernimento e resiliência; o macaco, por sua vez, recorre à astúcia para alcançar sabedoria, mesmo frente a desafios espirituais e materiais.

Benjamin (1994) descreve a narrativa tradicional como um modo de tecer conselhos. Para ele, a narrativa “[...] conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. Quanto maior a naturalidade [...] mais completamente (a história) se assimilará à experiência dos seus ouvintes e mais irresistivelmente eles cederão à inclinação de recontá-la um dia”. (Benjamin, 1994, p. 204)

Neste traçado, a trajetória do injustiçado torna-se ensinamento – mais do que moral explícita, ela encarna sabedoria emergente, construída pela experiência e preservada na memória narrativa. Paralelamente, Dan Ben-Amós destaca a função social dos contos como portadores da memória histórica e cultural: “os contos, ao se transformarem, carregam a memória histórica e as necessidades de um povo” (Ben-Amós, 1994, p. 45).

Essa perspectiva reforça a leitura de que José e a figura do macaco simbolizam expressões de resistência moral que refletem valores coletivos – especificamente, que a

adversidade pode ser transmutada em dignidade e sabedoria, preservando a experiência popular através da narrativa.

Tais observações acadêmicas sustentam o valor epistemológico dos contos populares: eles não visam transmitir verdades universais abstratas, mas revelar uma sabedoria prática que emerge da experiência, especialmente da adversidade. Esse princípio manifesta-se de modo particularmente expressivo tanto na narrativa bíblica de José quanto no conto do macaco. José é apresentado como o filho injustiçado, traído pelos próprios irmãos, lançado à marginalidade e à prisão, mas que, por meio da interpretação de sonhos, da prudência política e da confiança na providência divina, reverte sua condição e alcança uma posição de autoridade no Egito. Sua trajetória não se constrói por força física ou privilégio imediato, mas pela inteligência, pela capacidade de leitura do mundo e pela perseverança diante da injustiça.

De modo análogo, o macaco do conto popular enfrenta um percurso marcado por provas e transgressões simbólicas. Ao buscar a xícara de leite de onça e os ovos de jacaré — elementos associados ao perigo, ao interdito e à astúcia necessária para sobreviver —, o personagem se insere em um universo no qual a sobrevivência e o aprendizado dependem da sagacidade e da adaptação. O macaco não triunfa por inocência ou obediência cega, mas pela habilidade de negociar com forças superiores, contornar ameaças e transformar situações adversas em oportunidades de aquisição de saber. Assim como José, ele atravessa um ciclo narrativo de risco, rebaixamento e superação.

Nesse sentido, ambas as narrativas articulam um mesmo motivo estrutural: o do injustiçado ou vulnerável que, submetido à prova, alcança reconhecimento e sabedoria. A história do macaco e a de José não oferecem lições morais explícitas, mas encarnam uma ética narrativa na qual a inteligência prática, a resiliência e a capacidade de interpretar sinais — sejam eles sonhos, desafios naturais ou relações de poder — constituem o caminho para a restauração da dignidade. É justamente essa sabedoria incorporada à ação que, segundo Benjamin, confere às narrativas tradicionais sua força de permanência e sua aptidão para serem continuamente recontadas.

#### **4 A ASTÚCIA COMO PODER**

A astúcia, enquanto motivo recorrente na tradição narrativa popular, manifesta-se como uma ferramenta de resistência simbólica diante das estruturas estabelecidas de poder. No conto *O Urubu e a Raposa*, reunido por Marco Haurélio (2005), a raposa, personagem tradicionalmente associada à esperteza e à sagacidade, manipula as palavras e os gestos para

desestabilizar a esperteza do urubu, instaurando uma tensão cômica que não se resolve em seu favor.

A associação da raposa à astúcia é reconhecida por Stith Thompson em seu *Motif-Index of Folk-Literature*, ao classificar o animal dentro do motivo “B300 — Cunning Animals (especially the fox)”, destacando a raposa como o animal tradicionalmente ligado à esperteza e ao engano nas narrativas folclóricas. Em sua explicação da categoria, Thompson afirma que a raposa é, tradicionalmente, “o animal mais associado à astúcia e à esperteza nas narrativas folclóricas” (Thompson 1955-1958, p. 279). A estratégia da raposa evidencia um modelo de subversão: o uso da inteligência como força contra a autoridade institucionalizada, representada pelo Urubu.

Essa mesma lógica narrativa é identificável na narrativa bíblica do livro de Ester, onde a personagem-título, uma mulher judia em um ambiente de dominação persa, utiliza-se da diplomacia e da prudência para frustrar os planos de extermínio arquitetados por Hamã e assegurar a sobrevivência do seu povo. Ester não age através da força bruta ou da imposição direta, mas mediante uma série de ações simbólicas – convites, silêncios estratégicos, gestos cerimoniais – que conduzem ao desvelamento da verdade e à punição do opressor (Bíblia, 1998, Ester 5–7).

O aspecto comum entre essas duas narrativas reside no motivo da astúcia como meio de superação da opressão. Os contos populares vêm a funcionar como formas simbólicas de negociação cultural pois operam com uma moral implícita, frequentemente construída a partir de tensões entre o dominante e o dominado. Dan Ben-Amós sugere que os judeus, “como um povo vivendo na diáspora, os judeus incorporaram o folclore de outras nações enquanto simultaneamente espalhavam seus próprios temas conhecidos internacionalmente entre as mesmas nações” (Ben-Amós, 1994, p.140). Ele mostra que a partir da diáspora, diversos elementos das obras bíblicas foram incorporados pelas nações.

No caso do Urubu e de Ester, a vitória não se dá pela confrontação direta, mas pela manobra discursiva e pela inteligência emocional – o que revela uma crítica subjacente à ordem vigente. As narrativas religiosas, ao contrário do que se pensa, nem sempre servem apenas para reforçar valores dogmáticos, mas funcionam também como instrumentos críticos das normas morais e sociais. Nesse sentido, a história de Ester permite uma leitura que ultrapassa a dimensão espiritual, pois revela como a narrativa bíblica pode operar dentro de uma lógica de resistência política, atuando como crítica velada ao autoritarismo, à xenofobia e à intolerância institucionalizada.

Sob a perspectiva da teoria narrativa benjaminiana, a astúcia também se alinha ao modo tradicional de transmissão de experiências práticas por meio do conto. Walter Benjamin (1994), ao analisar o papel do narrador, afirma que “é da experiência – e não da informação – que o narrador extrai a matéria de seu relato. A sabedoria que se exprime em seus contos é, por assim dizer, o resíduo da experiência” (Benjamin, 1994, p. 200).

Nesse sentido, a esperteza do Urubu e a prudência de Ester não são apenas artifícios dramáticos, mas expressões simbólicas de sabedorias acumuladas, transmitidas oralmente ou por escrita, que refletem práticas de sobrevivência cultural e subjetiva. Tais narrativas cumprem, assim, a função de transmitir conselhos úteis aos ouvintes ou leitores, conforme a própria concepção benjaminiana de narração: um processo em que o conteúdo da história deve ser compreendido como uma contribuição para a experiência coletiva (Benjamin, 1994, p. 201).

Stith Thompson (1957), por sua vez, ao classificar os motivos narrativos no *Motif-Index of Folk Literature*, registra a astúcia como um dos mais persistentes arquétipos funcionais nos contos populares. O motivo da “esperteza triunfante” (Motif, K1810–K1899) perpassa inúmeras culturas, frequentemente protagonizado por animais como a raposa, o coelho ou o macaco. Quando transposto para a literatura bíblica, tal motivo não desaparece, mas se adapta às figuras humanas, como Ester ou José do Egito, ambos exemplos da vitória do marginalizado por meio da inteligência e da estratégia silenciosa.

A figura de Ester representa, portanto, um elo entre a tradição religiosa e o repertório simbólico da literatura popular, onde sua história não apenas confirma os valores morais de seu povo, mas também reencena, em moldes sagrados, o velho motivo popular da astúcia como arma contra a opressão. Assim como a raposa engana o urubu ao manipular as expectativas sociais da corte animal, Ester manipula os protocolos da corte persa para reposicionar-se, não como vítima, mas como agente ativa da salvação.

## **5 A JORNADA DO HERÓI ORFÃO**

A figura do herói órfão é um motivo amplamente difundido nas narrativas populares, marcado pela trajetória de superação e ascensão social através de provações e conquistas. O conto José e Maria, presente na coletânea de Marco Haurélio (2005), apresenta personagens que, apesar da perda da família e do abandono, utiliza sua coragem e sabedoria para alcançar um lugar de destaque, geralmente em um contexto real ou mítico de poder.

De forma análoga, a narrativa bíblica de José do Egito (Gênesis 37-50) exemplifica essa trajetória do herói órfão. José, vendido por seus irmãos e separado de sua família, é lançado ao exílio no Egito, onde, após inúmeras provações, torna-se o segundo homem mais poderoso do reino. O seu percurso é emblemático da superação das adversidades por meio da perseverança, da sabedoria interpretativa dos sonhos e da moralidade firme.

Stith Thompson (1957), em sua classificação dos motivos, define o arquétipo do herói órfão como a “figura abandonada ou separada da família, cuja jornada inicia-se em um estado de vulnerabilidade, mas que culmina na restauração da ordem e na ascensão social” (Thompson 1957, p. 28). Essa configuração não apenas estrutura muitos contos folclóricos, mas também está presente em narrativas sagradas, apontando para uma universalidade dos temas narrativos.

Os contos populares e as narrativas religiosas funcionam também, como instrumentos de preservação da memória coletiva, articulando valores e ensinamentos que transcendem gerações. A história de José, assim como o conto popular de heróis órfãos, atua como um veículo moral e cultural para comunidades que valorizam a justiça divina, a providência e a resiliência diante das injustiças sociais, tornando esses elementos um recurso para a reafirmação da identidade e da esperança coletiva. Em sua obra, Ben Amós destaca que “este processo é evidente nas instruções bíblicas para a comemoração do êxodo do Egito: 'Vocês dirão aos seus filhos: “Fomos escravos do Faraó no Egito e o Senhor nos libertou do Egito com mão poderosa”’ (Deuteronômio 6:21; veja também Êxodo 13:8)” (Ben-Amós, 1994, p.132).

O texto enfatiza ainda que as narrativas religiosas são dotadas de uma flexibilidade que permite que seus temas centrais sejam reinterpretados segundo as necessidades e contextos culturais das sociedades receptoras. Tal flexibilidade permite que a trajetória de José — um personagem religioso profundamente enraizado — seja compreendida como uma versão sagrada de um motivo folclórico, o herói órfão que vence o destino através da fé e da astúcia.

Logo, a literatura popular reforça a compreensão da função social da narrativa do herói órfão, ao mostrar que a narração pode ser um processo pelo qual a experiência do indivíduo é transformada em natureza coletiva. Assim, as dificuldades e conquistas do herói órfão tornam-se metáforas para o aprendizado social, ensinando aos ouvintes e leitores a importância da paciência, da virtude e da esperança em momentos de crise.

Luiz Da Câmara Cascudo (1967), em seu estudo sobre os mitos brasileiros, demonstra também que o herói órfão é um símbolo da luta pela sobrevivência e da reinvenção cultural,

especialmente em contextos marcados por deslocamentos e rupturas familiares. Esse aspecto é especialmente relevante no Brasil, espaço em que a memória cultural frequentemente se constrói a partir de histórias de resistência e recomeço, tornando os motivos folclóricos adaptáveis e profundamente simbólicos em diversos contextos. Ele também analisa a forma como a emigração transforma velhas narrativas, com um véu de nacionalidade indicativa.

Sendo sempre o homem que emigra, o mestiço está sempre em forma para irradiar, com sua volubilidade verbal, tudo quanto pensa e crê. [...] o mestiço realizava inconscientemente a miscigenação dos mitos, como prolongando no mundo invisível os princípios que o haviam formado (Casculo, 1967, p. 54).

Logo, tanto a narrativa de José do Egito quanto o conto José e Maria, configuram-se como expressões complementares do arquétipo do herói órfão em sua jornada iniciática, onde ambos os relatos articulam a experiência do sofrimento primordial à subsequente ascensão e consagração, instaurando uma dinâmica perene de esperança e transformação que ultrapassa os limites temporais e culturais. Essa convergência entre o imaginário folclórico e a tradição bíblica revela-se, portanto, não como mera troca simbólica superficial, mas como uma continuidade profunda e estruturante na constituição da imaginação moral, constituindo-se em pilares fundamentais da edificação ética das coletividades que os perpetuam.

## **6 A TRAIÇÃO E A REDENÇÃO: MOTIVOS PRESENTES EM O COELHO MEDONHO E JOSÉ DO EGITO**

O motivo da traição e da consequente redenção configura-se como um eixo narrativo central tanto em *O Coelho Medonho*, do repertório folclórico brasileiro, quanto na emblemática história bíblica de José do Egito. Esta estrutura narrativa, conforme o entendimento de Thompson (1957), transcende fronteiras culturais e temporais, revelando um padrão universal que articula conflitos humanos fundamentais – a injustiça, o sofrimento e a posterior restauração da ordem moral.

Na Bíblia, a trajetória de José é marcada pela injustiça cometida por seus irmãos, a perda e o exílio, elementos que suscitam reflexões sobre destino, justiça divina e resiliência individual. A recuperação do protagonista e sua ascensão social simbolizam a vitória ética sobre o caos inicial. De maneira análoga, *O Coelho Medonho* retrata a manipulação, o sofrimento e a astúcia que culminam em um restabelecimento da justiça social, mobilizando valores comunitários e reforçando mecanismos de coesão social.

Sob a ótica de Dan Ben-Amós (1994), tais narrativas operam como dispositivos comunicativos de alta densidade simbólica, funcionando como espelhos culturais por meio dos quais as comunidades projetam, reorganizam e legitimam sua memória coletiva. A própria história judaica evidencia esse movimento, uma vez que “a dispersão dos judeus entre as nações por meio de exílios forçados e migrações naturais expandiu ainda mais os temas e formas de seu folclore” (Ben-Amós, 1994, p. 140), diversificando matrizes expressivas e ampliando os modos de elaboração simbólica.

Ao reiterarem episódios de sofrimento, superação e continuidade histórica, essas narrativas não apenas preservam experiências passadas, mas atuam como agentes de ressignificação, reinterpretando eventos à luz das demandas morais e socioculturais do presente. Nesse processo, configuram-se como instrumentos dinâmicos de produção identitária, capazes de atualizar valores, sustentar práticas de pertencimento e reforçar mecanismos de resistência cultural. Por sua capacidade adaptativa, modulam ensinamentos éticos conforme o contexto de seus interlocutores, revelando o caráter performativo, relacional e socialmente estratégico do folclore na perspectiva ben-amoseana.

Walter Benjamin (1994) enfatiza que a literatura detém a capacidade de abrir fissuras nos discursos hegemônicos, oferecendo versões alternativas da história que emergem das margens sociais. Assim, o motivo da traição e redenção, presente tanto no folclore quanto no texto sagrado, age como um mecanismo subversivo, desafiando narrativas oficiais e promovendo uma releitura crítica das relações de poder. Em suas palavras ele mostra que

O historicismo culmina legitimamente na história universal. Em seu método, a historiografia materialista se distancia dela talvez mais radicalmente do que de qualquer outra... Reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história" (Benjamin, 1994, p. 231).

Os contos populares constituem uma arena simbólica na qual tensões sociais, espirituais e históricas são continuamente simbolizadas, negociadas e reprocessadas. Essa dinâmica se observa também no folclore brasileiro, cuja persistência de motivos narrativos demonstra a alta plasticidade da tradição oral, capaz de recriar temas arquetípicos em permanente diálogo com as particularidades culturais locais.

Nesse ponto, a reflexão de Luís da Câmara Cascudo torna-se fundamental para compreender a epistemologia do folclore enquanto campo de conhecimento. Cascudo reconhece explicitamente que muitos relatos não apresentam evidências científicas verificáveis nos moldes acadêmicos tradicionais, mas que ainda assim expressam um valor

documental profundo por revelarem experiências empíricas, percepções coletivas e formas específicas de organizar o mundo. Ao afirmar que “parece-me que a melhor e mais alta valia desse livro é a perfeita ausência de ‘explicação’ quando recolhi o fabulário” (Cascardo, 1967, p. 3), o autor destaca sua postura metodológica de respeito à voz popular, recusando impor narrativas explicativas externas sobre o material recolhido.

Essa posição de Cascardo é coerente com sua compreensão do folclore como documento vivo e como manifestação espontânea da cultura, cuja autenticidade reside exatamente na preservação da perspectiva nativa e não na racionalização erudita. Ao adotar uma abordagem etnográfica que privilegia a integralidade dos relatos, Cascardo evidencia que o valor científico do fabulário não está na comprovação empírica dos acontecimentos narrados, mas na capacidade que tais histórias têm de revelar estruturas simbólicas, imaginários coletivos e estratégias culturais de enfrentamento da realidade. Assim, seu trabalho demonstra que o folclore não é um repositório de dados brutos, mas um sistema interpretativo sofisticado, que oferece acesso privilegiado à sensibilidade, à memória e às formas de pensamento de uma comunidade.

Dessa maneira, o confronto e a complementaridade entre as versões presentes nessas histórias, evidenciam a fecundidade da intertextualidade entre folclore e tradição bíblica, demonstrando como esses universais narrativos se prestam a funções de reconstrução moral e histórica, alicerçando a continuidade cultural.

## **7 FUNÇÃO SOCIAL DA AGADÁ E DAS NARRATIVAS POPULARES NA ESTRUTURAÇÃO DA MORALIDADE**

A teoria de Dan Ben-Amós, que compreende o folclore como um fenômeno comunicativo e relacional, permite interpretar a *agadá*<sup>2</sup> e outras narrativas populares como dispositivos socioculturais que estruturam, transmitem e legitimam normas, valores e modelos de conduta. Ben-Amós rompe com a concepção evolucionista ou meramente preservacionista do folclore, propondo que ele opera como um sistema ativo de interpretação social, por meio do qual comunidades elaboram causalidades, estabilizam memórias e reconfiguram sua visão

---

<sup>2</sup> Agadá (ou Hagadá) designa o conjunto de narrativas, comentários e elaborações não legais (em contraste com a *halachá*) presentes na literatura rabínica, especialmente no Talmude e no Midrash. Seu conteúdo inclui parábolas, lendas, reflexões éticas, teológicas e cosmológicas, bem como releituras narrativas do texto bíblico. Tradicionalmente, a *agadá* cumpre funções pedagógicas, hermenêuticas e morais, ao traduzir princípios abstratos do judaísmo em formas narrativas acessíveis, favorecendo a transmissão de valores e a construção da memória coletiva. Na abordagem dos estudos folclóricos contemporâneos, particularmente em Dan Ben-Amós, a *agadá* é compreendida como uma expressão dinâmica do folclore judaico, operando como meio comunicativo que articula visão de mundo, normatividade social e identidade cultural em contextos históricos específicos.

de mundo. Nesse sentido, as fontes analisadas evidenciam uma convergência direta com essa perspectiva, ao afirmarem que “os contos suplementam a narrativa bíblica com causalidade compatível com a cultura judaica, memória coletiva e visão de mundo” (Ben-Amós, 1994, p. 153). Tal formulação confirma a tese ben-amoseana de que o folclore atua como mediação hermenêutica, ajustando elementos canônicos às demandas cognitivas e socioculturais do grupo.

A *agadá*, nesse contexto, constitui uma forma privilegiada de circulação do conhecimento religioso entre públicos de diferentes níveis de letramento. A caracterização de Krochmal – segundo a qual ele “considerava a *agadá* como filosofia popular” e, por isso, “a *agadá* revelava os princípios essenciais do judaísmo ao povo iletrado” (Ben-Amós 1999, p. 227), coaduna-se diretamente com o entendimento de que o folclore cumpre uma função epistemológica e pedagógica. O enunciado adicional de que “esses comentários atribuíam à *agadá* uma função dedutiva que supostamente traz instruções éticas e religiosas às massas populares” (Ben-Amós, 1999, p. 227) reforça a noção de que tais narrativas não apenas representam valores culturais, mas participam ativamente da produção e disseminação de normatividade. Ou seja, não se trata de um corpus meramente explicativo, mas de um mecanismo de orientação moral incorporado às práticas discursivas da tradição judaica.

A análise das expressões musicais amplia essa perspectiva funcional. O registro de que “as canções celebravam as alegrias e lamentavam as desgraças da vida individual, familiar e comunitária” (Ben-Amós, 1999, p. 214) corrobora a concepção deste autor segundo a qual o folclore é uma prática comunicativa dotada de dimensão afetiva e socialmente agregadora, capaz de articular experiências individuais e coletivas em uma gramática cultural compartilhada. As manifestações musicais, assim como as narrativas, operam como tecnologias simbólicas de manutenção da coesão comunitária e de consolidação de sensibilidades históricas e identitárias

Por fim, o surgimento de um gênero narrativo específico associado ao louvor de figuras de autoridade religiosa, o qual “gerou um novo gênero narrativo que, embora tematicamente e estruturalmente ressoasse com contos talmúdicos-midráschicos e de milagres medievais, adquiriu um novo significado dentro da sociedade hassídica” (Ben-Amós, 1999, p.193), revelando o caráter dinâmico do folclore, tema central na teoria de Ben-Amós. A ressignificação desse gênero demonstra que o folclore não constitui um repertório estático, mas uma matriz adaptativa, constantemente reorganizada de acordo com transformações históricas, estruturas de autoridade e práticas devocionais emergentes.

## CONCLUSÃO

As análises desenvolvidas ao longo das seções anteriores evidenciam que tanto o folclore quanto a narrativa bíblica constituem matrizes simbólicas essenciais na tessitura da experiência humana, compartilhando motivos universais que ultrapassam fronteiras culturais e temporais. A intertextualidade entre essas tradições revela um campo dinâmico de negociação cultural, onde temas como a astúcia contra o poder, a jornada do herói órfão, a traição e a redenção emergem como dispositivos estruturantes da imaginação moral coletiva.

Conforme demonstrado, o folclore não se limita a uma simples reprodução de antigos mitos; ele atua como um organismo vivo, ressignificando arquétipos universais à luz das particularidades históricas e sociais de cada comunidade. A narrativa bíblica, por sua vez, transcende seu contexto original para se tornar um repositório simbólico que inspira e é reinterpretado por múltiplas tradições orais e escritas. Através dessa inter-relação, ambas as esferas produzem sentidos que contribuem para a construção de identidades culturais e éticas.

Walter Benjamin nos oferece uma chave interpretativa fundamental ao destacar a capacidade dessas narrativas de abrir fissuras nas versões oficiais da história, permitindo que vozes marginalizadas emergam em contraponto ao discurso dominante. Essa dimensão subversiva do mito e da história ressoa nas formas como as comunidades utilizam contos e narrativas sagradas para negociar poder, injustiça e esperança.

Dessa maneira, o estudo comparado das narrativas selecionadas revela a fecundidade do diálogo entre o sagrado e o profano, entre o texto escrito e a tradição oral, e entre a memória coletiva e a reinvenção cultural. Tal diálogo confirma que o imaginário humano é incessantemente reconstruído em torno de temas universais, que encontram no folclore e na Bíblia fontes inesgotáveis de sentido e resistência simbólica.

Em suma, a imbricação entre folclore e narrativa bíblica não apenas reflete a diversidade cultural, mas sobretudo reafirma a vitalidade da imaginação simbólica como instrumento primordial para compreender, interpretar e transformar a condição humana ao longo do tempo.

## REFERÊNCIAS

BEN-AMÓS, Dan. **The Folklore of the Jews**. Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1994, p. 45-46.

BEN-AMÓS, Dan. Literatura popular judaica. **Tradição Oral**, v.14, n. 1, p. 140-274,1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BÍBLIA. **Authorized King James Version**, Oxford UP, 1998.

BURKE, P. **O Renascimento italiano: cultura e sociedade na Itália**. São Paulo, Nova. Alexandria, 1999.

CASCUDO, Luiz Da Câmara. **Geografia dos Mitos e Lendas Brasileiras**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

THOMPSON, Stith. **Motif-index of folk-literature**. New York: Oxford University Press 1957.

